

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adelantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 160 rs.

A MARMOTA.

Aos nossos leitores.

Começamos hoje a publicação da — *Legenda dos tempos colonias* — D. NARCISA DE VILLAR, — acurado trabalho de uma — *Indigena do Ypiranga*, — que apesar de conhecer o pouco que se lê no Rio de Janeiro, o nada que valem as letras patrias e aquelles que a ellas se dedicam, escrevendo-as ou encarecendo-as, deu-se, todavia, ao penoso trabalho de compôr uma obra de mais de 200 paginas, que será opportunamente publicada em dous volumes, se o publico fizer á incançavel autora a justiça á que ella tem direito, e a nós o gosto de apreciar uma composição que apparece pela primeira vez nas columnas da nossa folha.

Declarámos desde já, em nome da autora, que teremos como um abuso do direito de propriedade a reimpressão desta obra, seja em folhetim de qualquer folha da côrte ou do imperio, seja em volume avulso, como por mais de uma vez se tem feito.

A REDACÇÃO.

Com a devida venia.

Pois que a caixa d'Amortização não dá bilhetes pequenos de 15000 e 25000 sendo em troco de notas esfarrapadas ou das que se recolhem; lembramos a S. E. um meio facil de inundar a côrte de bilhetes miudos em menos de 15 dias.

Ordene S. E. que da Thesouraria Geral não desça para as 1.ª e 2.ª Pagodorias quan-

P O L I T I M .

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo Colonial

Pela Indigena do Ypiranga.

Ao publico.

Não é um prologo o que vou escrever; sempre embirei com elles, e jamais me recordo de os haver lido por breves que fossem.

Porém dando publicidade a um de meus escriptos, vencendo, enfim, a extrema timidez de o fazer conhecido do publico; vou rogar a benevolencia daquelles que me lêrem como um discipulo que se quer instruir. Sem essa vaidade, tão mal cabida n'algumas de meu sexo, que compondo alguma coisa julgam-se poet'zas consummadas, eu tanto

lira alguma, sem que a metade, ou mesmo a terça parte, seja em notas pequeninas de 10 e 20 rs.

Faça isto S. E. o verá que o resultado co-roará esta sua medida; e isto é tanto mais necessario, quanto é certo que os Srs. Thesourosiros, para fazerem pequenos pagamentos, ainda exigem que se lhes leve troco, sem o que nada se obtem.

A conversa.

X.

O engrandecimento de um povo depende essencialmente do desenvolvimento de sua civilização, e esta se avalia por seus melhoramentos, tanto materias como immaterias. Cuidar, pois, sómente de uma destas especies de melhoramentos, é desconhecer a intima ligação que ellas têm entre si, e pretender a realisação de um impossivel, socialmente fallando; pois ellas são de tal sorte relacionadas, e tal é o grão de sua mutua dependencia, que uma não pôde existir sem a outra. É por isto que as nações mais adiantadas se esmeram igualmente no estudo de suas necessidades, e empregam todos os meios para marcharem de progresso em progresso, em tudo quanto as pôde elevar aos olhos do mundo civilizado.

Não basta ter portos defendidos por inexpugnaveis praças, e possuir innumerous vasos de guerra de todas as categorias, fortes como a rocha, ligeiros como o pensamento; não basta traçar vastas cidades, e nellas construir, em largas e bem calçadas ruas ou praças, elegantes casas, immensos palacios, magníficos templos, grandiosos theatros: não

mais ganharia com o juizo sensato de pessoas de criterio, quanto o desprezo com que olhassem para minhas pobres linhas ser-me-hia prejudicial.

Assim, pois, é com a maior humildade que me apresento a vós, benevolente leitor, rogando-vos ameis com o vosso acolhimento a primeira producção de meu espirito. Se realizardes as minhas esperanças, faris desenvolver o meu talento, que se aniquilará até a ultima scent-lha, com o vo-so desapeço.

D. Narcisa de Villar foi escripta quando apenas tinha eu 16 annos: merece portanto que desculpes a mediocridade da linguagem e a singeleza com que decorei as scenas. A *Delphina* de Madame de Stael não é sem defeitos, e entretanto ella foi recebida em Paris com estrondoso acolhimento, assim como a timida e ingenua *Clara d'Alba* por simples que é de atavio, não doixou de ganhar á boa Madame Cotin um nome illustre na republica das letras.

basta crear officinas e fabricas, e exportar em larga escala toda a sorte de productos; não basta possuir os mais commodos e rapidos vehiculos para vencer as distancias, por terra ou por mar; não basta, enfim, que reine por toda a parte a abundancia, a profusão e o luxo; é mister tambem que as sciencias sejam cultivadas com esmero, para que não se esteja totalmente na dependencia do estrangeiro; e que a religião seja acatada como merece, e se manifeste praticamente no culto externo, e no cumprimento dos deveres.

O povo que trata acuradamente de seus melhoramentos materiaes, e prescindindo dos melhoramentos intellectuales e moraes, não pôde alcançar um lugar distincto entre as nações cultas; e pôde mesmo dizer-se que sua duração será ephemera, visto faltarem-lhe os elementos mais importantes.

Um dos maiores oradores francezes muitas vezes repetio, do alto da tribuna sagrada, que — « é impossivel existir um povo sem religião, pois ella é a fonte dos bons costumes, e origem de todos os bens. » — Um outro, igualmente sabio, comprehendendo sua nobre missão, demonstrou mais de um vez — « que as diversas religiões baseam-se ordinariamente nos mesmos principios, e tendem ao mesmo fim. » — Destas verdades, que chamarei eternas, deduz-se facilmente que a tolerancia religiosa é um dos signaes mais caracteristicos da civilização; e paraphraseando direi tambem — que sem a educação popular o progresso é uma palavra vã.

O cultivo da intelligencia faz nascer as sciencias e artes, unicas fontes dos melhoramentos materiaes, e nos encaminha tam-

Permitti-me contar, que fareis tambem com que um dia seja tão favoravelmente acolhido por seus compatriotas o humilde e grato nome com que subserve os seus mais ainda humildes escriptos a

INDYGENA DO YPIRANGA.

No bello archipelago da barra de S. Francisco Xavier, ha um ilhota chamada a — Ilha do Mel. — Não sei o motivo deste nome que a tradição tem conservado até nossos dias, o que sei é que está até hoje inculta e inhabitada; alguns pescadores a visitam quando não têm outro ponto mais facil de descanso, e os passaros escolhem nella os lugares onde fazem os seus ninhos.

Ninguem se approxima della á noite, porque dizem, que a ilha é mal assombrada, e muitos affirmam terem ali visto visões medonhas, capazes de matar de susto a uma duzia daquelles bons lavradores.

Uma noite de inverno, na minha infancia, achava-me com minha familia no Ponte

bem para a regeneração moral, sem a qual o engrandecimento nacional é uma chimera. E' por isto que um governo, amante do progresso do seu paiz, se esforça por disseminar a instrução (com especialidade a elemental e artistica) e busca melhorar o clero, a cuja guarda estão confiadas todas as classes da sociedade.

Estudai a estatística das nações cultas, e vereis que o algarismo das parochias e escolas primarias é um pouco crescido, e vai sempre em augmento. Consultai tambem os que se têm occupado desta materia, e sabeis que os sacerdotes e preceptores são tidos na conta de bons servidores do estado, se illustrados e virtuosos; e que são riscados da classe a que pertencem, e além do punido rigorosamente, entregues ao desprezo geral, se se deslizam do caminho que devem seguir, para de seus mutuos esforços nascer a educação popular.

Muito já se tem feito entre nós para fundar os alicerces do nosso futuro engrandecimento, e toda a sorte de melhoramentos se tem realizado; mas infelizmente a educação popular marcha lenta e imperfeitamente, devido ao pouco apreço que se dá ao preceptor e ao sacerdote, e mais que tudo á falta de uma escola normal, onde os que se destinam ao magisterio possam colher os precisos conhecimentos, e adquirir os meios mais façeis e rapidos para o ensino; o talvez mesmo por que se tenha attendido mais ao grão de saber, do que á vocação para a grande missão que lhes é confiada. Se não tratarmos de remover as causas que se oppoem á educação popular, veremos tomar-nos a dianteira os outros povos civilizados.

Convém que não percamos de vista que das idéas recebidas na infancia depende o nosso futuro, e que cada homem é um elemento importante, qualquer que seja a classe a que pertença, pois nosso pacto social nivelou a todos.

Cuidai, pois, da educação popular; fazei de cada homem um bom e util cidadão; que um dia virá que o povo unido se erga para firmar a paz, e colher della o verdadeiro engrandecimento de nossa cara patria.

— E julgais que isto se possa realizar?

— Sem duvida; pois já estão dados os primeiros passos.

Albano Cordeiro.

Grossa, onde estavam hospedadas em casa de umas gentes as mais antigas do lugar. Ao pé de um bom fogo, cujo calor saboreavamos com delicias, pelo frio que fazia; e onde se assavam carás e batatas róxas, que eu comia com delicioso prazer, e ouvia tambem as historias que me contavam duas Indias velhas, com seu fallar pausado e cadencioso, com essa algaravia unica, em que se misturam as linguas primitiva e a portugueza adoptada, que tanto me agradava.

De vez em quando atigavam ellas as chammas, e tiravam do braseiro, com tenazes de pão, carás e batatas tão bem cozidos como se tivessem sido preparados no forno. Com a viveza propria de meu caracter, eu fazia mil perguntas á tia Simôa e á mãe Michaella, as duas irmãs Indias. N'essa noite ouvi muitos factos interessantes acerca dos Padres Santos (1) que seria longo narrar-os.

Porém o que mais me impressionou, e

(1) Taim, tratamento indygnu quer dizer: medina, senhora solteira. E como a Mademoiselle dos Francezes, ou a Miss dos Ingleses.

Provincias de Portugal.

Estremadura.

Esta provincia é limitada ao norte pela Beira; ao sul pelo Alentejo, de que é separada pelo rio Tejo; ao Oeste pelo Oceano. Tem 26 leguas de comprimento sobre 14, pouco mais ou menos, de longo.

O Tejo é o seu rio mais consideravel.

As cidades principaes são:

Abrantes, sobre o Tejo, cidade de consideração e alguma cousa fortificada.

Alenquer, pequena cidade sobre uma elevação proxima de um ribeirão que se lança no Tejo.

Alcaer do Sol, sobre o rio Coadão; é defendida por um castello muito forte.

Aldêa Gallega, sobre o Tejo, pequena cidade em frente de Lisboa.

Alcobaça e Alhandra, pequenas cidades.

Almada, pequena cidade sobre o Tejo, perto de sua foz.

Atouguia, pequeno porto de mar defendido por um castello.

Azeitão, pequena cidade.

Caldas, pequena cidade, muito conhecida por seus banhos.

Cascaes, porto de mar fortificado.

Cintra, pequena cidade, cujos ares passam pelos melhores de Portugal.

Collares, pequena cidade.

Figueira dos Vinhos, pequena cidade sobre o rio Aiso, que se lança no Zezere.

Leyria, cidade episcopal em um plano sobre o rio do Liz; é defendido por um castello construido em uma eminencia.

Lisboa, capital do reino, sobre o Tejo, com um excellento porto defendido pela torre de S. Julião, pela de S. Lourenço, onde se acha a fortaleza do Bugio, collocada no meio da barra.

Mafra, casa real.

Ouren, pequena cidade.

Pederneira, porto pouco consideravel.

Peniche é um porto de mar, defendido por uma cidadela mui forte.

Pombal é uma pequena cidade.

Panhete, á embocadura do Zezere, no Tejo, é tambem uma pequena cidade.

Redondo e Redinha, estão ambas no mesmo caso.

Salvaterra, á margem esquerda do Tejo, é uma pequena cidade com casa real.

que guardei fielmente na memoria foi uma legenda da Ilha do Mel.

— Mã Michaella, disse eu á mais velha das Indias, por que causa ninguém vai a Ilha do Mel, e todos dizem ser ella mal assomburada?

— Ah! Taim, me respondeu ella persignando-se e pulando na sua esteira: ehl! ahl! (2) mecê quer saber uma historia tão feia?

Padre, Filho, e Espirito Santo! mecê não ha de pregar olhos esta noite.

Não, Deos N. Senhor me livre de contar-lhe isto.

— Está bem, mã Michaella, como vossê se recusa aos meus desejos, voltar-me-hei á tia Simôa, e ella me fará a vontade; além disso, não lhe hei de ensinar as Bemaventuranças, nem lhe hei de ler amanhã a historia da Princeza Magalona.

— Um! um! um, Taim! mecê ha de fazer tudo isto?..

(2) É impossivel reproduzir-se aqui o tom e modo com que fazem esta graciosa exclamação a gente daquelle paiz.

Santarem, tem um palacio antigo com algumas ridiculas fortificações.

Santiago de Cacem e Sardoal, são tambem pequeninas.

Setubal, á embocadura do rio Sardoal, com excellento porto de mar, é mui bem fortificada e defendida pelo forte S. Felipe, que domina a cidade.

Soure, pequena cidade, está á beira do rio do mesmo nome.

Thomar, berço da ordem de Christo, é uma boa cidade situada n'uma bonita planicie.

Torres-Novas, é uma cidade importante, e toda fortificada; acha-se n'uma fertil planicie á margem do rio Almonde, que desagua no Tejo.

Torres-Vedras, pouco distante do rio Sizandro, que desemboca no mar, defendida por um castello, é uma das mais antigas cidades de Portugal.

Villa-Franca de Xira, á margem do Tejo é mui pequenina cidade.

A MULHER.

(Continuação. Principiou no n. 940)

Feliz o homem que, cedendo ao impulso do amor, que agora opera em seu coração, é impellido a percorrer um estadio lavado de nodos, que poderiam afeiar o seu caracter; mais feliz ainda a mulher, que sabe comprehender o poderio que tem sobre o seu companheiro de destino, e desta sorte arroja-o n'um caminho semeado de lições de moralidade, donde resultará para ambos uma méta dispensadora de perfumes, que enorgulhessem a vida do escolhido do Eterno para fulminar aquelles que prevaricam de sua missão!

Desgraçado o homem que obedecendo a força que comprime seu coração é arrastado pelas mãos da mulher ao seio da depravação mais desgraçada ainda a mulher, que violentando a preponderancia de que temos tratado, de apostolo de paz, de architecto do bello, de obreiro da civilização, transforma o homem em leão dos bosques; compellindo-o a jorrar de sangue a sala do festim!

Poeta, neste caso, elle só entoa hymnos de morte; guerreiro, respira unicamente a vingança; legislador, decreta então leis catol-

Virgem Maria! Então vou contar-lhe tudo, se mecê tiver medo, eu direi a sua madre que mecê me obrigou: olhe que é uma historia do Anhangá! (3)

— Não, boi mã Michaella, não tenho medo do Anhangá; dê-me mais um cará assado, e comece a sua historia.

A boi Mã Michaella, temendo-se talvez de minhas ameaças, não quiz incorrer na pena de privar-se do que era para ella um grande prazer, ouvir a leitura desses livros, e obter uma lição religiosa que com tanta fé desejava; e pois começou a sua historia do modo por que á vamos expor; porém como nos é impossivel referir-a com o tom e termos característicos com que ella nos contou, perdoe-nos o leitor que a substituímos pela nossa linguagem, guardando todavia certas expressões que pertencem inteiramente á narradora.

(Continúa).

(3) Anhangá espirito maligno.

narias; rei, para contentar a mulher, mandaria destruir nações, arrosar cidades e encarcerar o casto José!

O amor, a confiança de que um ente vive para elle, e especula nos meios de amenizá-lo e viver empresta ao homem recursos mirabolantes para satisfazer ao mais leve desejo da que escora a sua gloria, ou mina os alicerces de sua grandeza: elle ama o perigo para vir depois relatal-o á mulher no seio na paz, do descanso, e recostado no collo della.

Se os diversos aspectos, que temos apresentado, comproram que a mulher é capaz de irradiar de luz, de encher de gloria e veneração ao homem; outros se nos offerecem, que a tornam uma verdadeira Messalina.

O compasso que bosquejara a orbita de sua grandeza, que traçara o espaço para o seu gyro magestoso, donde rutilam camadas de resplandecente brilho; tambem riscára um horizonte, em que negreja o vicio em toda a sua hediondez, e para onde mergulha-se a mulher, uma vez que se tenha afastado daquella linha, que a honorifica. As manchas estão em paralelo com a importância e influencia de cada um astro; tanto mais negros e salientes ellas apresentar-sebão, quanto mais notavel for a luz emanada de si, e quanto maior attracção exercer sobre os outros. Quam terríveis não houveram de ser as nodos do primeiro lumiar de nosso globo?

O vicio, a dissolução de costumes na mulher é a praga a mais devastadora que se pôde aquilatar: venha a guerra com todos os seus effeitos, a fome com os seus horrores a morte com o seu cortejo funebre, tudo é funesto, é lastimoso; mas a mulher com as vestes da profanação de costumes excede aos caprichos da razão, e transtorna os mais bem combinados calculos da intelligencia!

Que espectáculo asqueroso, rodeado de scenas compungentes, despertando cada qual sentimentos, que escapam a apreciação a mais aguda, o que nos apresenta a mulher adúltera?!

Chegada a esse ponto, a mulher desce de toda a escala de sua grandeza; colloca-se abaixo do terreno do crime; o horror com todas as feições, o hediondo com todas as suas formas tece-lhe um manto, cujas cores despertam do sono em jazem as gerações reduzidas ao nada; as idades se convocam, os acontecimentos, transgredindo as leis que os governam, se congregam para fulminar a nova Proserpina — a mulher adúltera.

Arrestando no seu crime a paz e repouso de seu marido, despreendendo o elo que os ligava, lançando na desesperação o que se associára a ella na viagem da existencia, a mulher adúltera levanta uma barreira, que a segrega dos demais viventes; por mais arrebatadora que seja a sua belleza, por mais seducções que haja em seus encantos, o selo de uma mancha inoffuscavel imprime em sua fronte o signal de uma profunda reprovação; labaredas do inferno despedem-se do brilho de seus olhos, onde a pouco ardia a chama colastial; neste estado a mulher só attrahe o olhar da piedade e da compaixão, de envolta com o desprezo o mais fulminante

Bastarão estas considerações, fora sufficiente o bruxolear deste tremulo pensamento na razão a mais agitada para que a mulher, que vinja na ladeira do desregramento reconquistasse a posição eminente que-lhe garante o orgulho da virtude. Nunca é tarde para a pratica das boas seções, que obrigam o reconhecimento, ainda do mais estoico.

E' tempo de concluir este artigo; mas seja nos licito despertar o animo da sociedade para que empregue maior somma de cuidados na educação da mulher; preparando-a para dignamente representar o papel importante, que occupa na ordem dos seres.

Tem-se por ventura educado convenientemente aquella, de cujo braço dependem os mais altos destinos do genero humano?

Não precisamos nos demorar na demonstração deste theorema; confessemos as nossas faltas e reparemo-las da melhor forma possível: tal é o proceder que nos ha de habilitar a receber a palma de uma justa immortalidade.

Julio Correia de Carvalho.

UMA MISSÃO NO ORIENTE.

I.

A caravana do Cairo.

Senhora de uma fortuna consideravel, descuidosa dos prazeres do hymeneu, miss Ophelia Macsupp tinha chegado á idade de trinta annos, sem ter podido dar inteira satisfação á paixão que enchia toda sua alma. Esta paixão era — a gloria. Um dia em que ella pensava nos meios de se illustrar, veio-lhe á idéa que o lugar que lady Stanhope occupava estava ainda por preencher, e que ninguem, entre o bello sexo inglez, cuidára em continuar a missão desta dama. Oito dias depois ella portia para Alexandria. Tendo ahí chegado, apressou-se em organizar uma caravana e se pôz em viagem para o Cairo, donde, á frente de uma outra mais forte, dirigio-se para a Syria, onde contava encontrar as ruínas da habitação de lady Stanhope, na qual se pretendia installar.

Não tocaremos nos pormenores da viagem: todas as excursões no Oriente se assemelham. Sofre-se a falta de agua, os rigores da estação, os accommetimentos dos lobos e muitas vezes se é mordido pelos lacraões. Em certo dia, a caravana fatigada parou em um oasis. Miss Macsupp se entregava ás doçuras da sesta, quando repentinamente fo despertada por horribes gritos: — Os Arabes! os Arabes! estamos perdidos!

Como mulher animosa, e digna da sua missão, miss Macsupp sahio de sua teada, e, no meio de uma nuvem de poeira que escurecia o horizonte, distinguio uma grande cavallhada que para seu lado se encaminhava, e vio ao sol brilhar as laminas dos cavalleiros. Estes demoraram o passo a alguma distancia do campo, e um d'entre elles se destacou do grupo, desceu do cavallo e endireitou-se para a viajora. Era um elegante Turco, que regulava ter os seus trinta e cinco annos e cujas maneiras indicavam o habito do mando. Os camelheiros atiraram-se com a face em terra, exclamando:

— Allah! salvai-nos!

— Imbecis, lhe disse o Turco com voz forte: conduzi-me á vossa senhora.

Miss Macsupp appareceu.

—Perola do Occidente, continuou o oriental, perdoe-me de ter causado as lagrimas que em teus olhos deviso. Escreveram-me do Cairo que uma nobre e gentil viajante se preparava para atravessar nossas regiões, e como tenho sempre praticado o setimo verso do Alcorão que diz:

«O verdadeiro crente exerce a hospitalidade venho offerecer-te a minha habitação. Dizem: qual é o teu paiz?»

— A Inglaterra.

— Bella nação! visitei-a na época da exposição. Como passam o príncipe Alberto e lord Palmerston? Que motivo te conduz da terra dos lilazes á das palmeiras?

—Venho trazer-vos as luzes da civilização.

—Obrigado. Tudo o que nos vem das mulheres é terno como a brisa que sopra docemente nos arrozacs. Posso esperar, bello passaro passageiro, que accitarás por uma noite a guarida que te offereço sob o tecto que nos abriga dos rigores invernosos?

—Minha missão mé força a annuir ao vosso convite.

— Meus escravos te virão buscar quando o dia brilhante expellir as trevas do crepusculo. Vou preparar tudo o que é mister para te receber.

Miss Macsupp felicitou-se de ter um encontro que lhe permittia começar sua obra de um modo tão brilhante. Cuidou em se fazer acompanhar do sens companheiros, mas reflectio que talvez isso desse uma prova de desconfiança. Despedio a caravana, dizendo a seu cosinheiro que preparasse a refeição para o dia seguinte, e que bemdices a Providencia, pois que, quando voltasse aos patrias lares, a civilização no Oriente teria um grande avanço.

II.

As odaliscas.

Á hora indicada, a escolta veio buscar miss Ophelia, e no fim de meia hora de marcha, um palanquim carregado por quatro vigorosos negros a depoz diante de uma casa mourisca, de bella apparencia, illuminada de lanternas de diversas cores. O pachá esperava-a sob o peristylo e lhe offereceu o braço até á sala de jantar. Depois de terem ambos tomado assento sobre macias cochins em torno de uma mesa ornada de flores e fructos, miss Ophelia p' diu a seu hospede a permissão de dirigir-lhe algumas perguntas. O pachá concordou.

— Estais bem convencido, lhe disse ella, da verdade de vossa religião?

— Certamente, flor do Occidente, respondeu o pachá; não ha outro deos, além do Creator, de quem Mahomet é propheta.

— O islamismo já não existe, vós não acreditais mais em seus preceitos, e a prova é que acabais de beber vinho.

— Mahomet, cujo nome, seja tres vezes bemdito, temendo que o excesso do vinho podia causar grandes desgraças, quiz delle preservar seu povo, sem comtudo proscrover inteiramente um licor que, tomado com moderação, fortalece o corpo, anima o espirito, e expande o coração, abrindo-os ao amor.

E o pachá sorveu um copo de vinho de Champanhe.

— Admitto esta tolerancia, replicou a reformadora: mas porque não a estendeis ás mulheres? A reclusão a que as condemnais não revela uma profunda barbaria? Fallais de amor! pôde acaso existir esta paixão em um paiz onde tão pouco se respeita a dignidade das mulheres?

— O que tu chamas reclusão, mimo da Europa, é para ellas um encanto, pois têm a liberdade de fazer o que bem desejam. Nós as cobrimos com um véo quando sabem para privar-as dos raios ardentes do sol, para abrigal-as dos ataques dos insectos voadores que cruzam os ares. A belleza das mulheres é como o delicado jasmim: que o calor emmurchece, é um dom do céu que se d'vo conservar preciosamente como tudo o que vem do Deos.

(Continua.)

Canticos Funebres
DO
SR. DR. MAGALHÃES.

MYSTERIO VI.

A Consciencia.

Meu filho eu vi! Que importa em sonho fosse?
Sonhasse eu sempre assim! Eu vi-o, é certo
Quando da luz na ausencia o mundo em trovas
Meus olhos em pesados véos envoltos,
Nenhuma imagem exterior podia
Da visão penetrar o escuro adito.
Eu ouvi sua voz, reconheci-a,
E a memoria fiel o testemunha,
Quando, surdo ao rumor da natureza,
Nenhum echo vibrava os meus ouvidos.
Eu seu corpo abracei; da morte o frio
Gelou-me o coração, cahi com elle;
Quando meus braços languidos jaziam,
E o corpo immoto, entregue ás leis da vida,
A interna agitação não se prestava,
Em tudo estranho a mim, como a si mesmo!

Assim, phantasma vão, corpo indolente,
Posso pensar sem ti, querer, mover-me,
Aos céos alar-me, discorrer co'os mortos,
Sentir e perceber, sondar mysterios,
Quando, do meu poder sombra importuno,
No teu nada te esvais, e só me deixas
Livre alargar do meu saber o imperio;
Como das cinzas separado o fogo
Livre flammeja, e sua luz derrama!
Como mortal, estúpida materia,
Ah! de ti não depende a essencia minha.

Como o rio que corre, e se renova,
Só pelo alvêo o mesmo parecendo,
Tal do corpo desliga-se a materia
Ao travéz desta fórma, á que se amolda,
Imagem que lhe impõe da vida a força.
De instante a instante se renova o corpo;
Quantos já eu gostei! E em permanço,
É identico perduro, e penso, e quero.
Eu o rio não sou, o alvêo, a fórma;
Sou o dono, o senhor, que a posse herdára
Cego, instrumento vil, rebelde á vida!
Posso existir sem ti, deixar-te posso,
E além da campa erguer-me á Eternidade!
O que é sonhar? E ver, é ter certeza
Que posso ver sem corporaes sentidos,
Deixar de ver e que real parece,
E ver como real o que é possível.

Quando a interna visão, do corpo estreme,
Esta certeza salutar confirma,
Que eu não sou da materia occulto móto,
Muito o sonho me diz! Que outra certeza
Mais veraz competir pôde com esta?

Oh sonho meu, revelação divina!
Oh alma pura de meu caro filho!
Não me illudiste, ah não! No céo me esperas.

— Questão proposta na *Marmota* n. 925,
de 12 de Fevereiro do corrente anno.

Solução homœopathica.

**O cego, que nasce cego,
Da vista se não logrou,
Não sente tanto ser cego
Como o que, vendo, cegou.**

A Saudade.

O. D. C. á Exma. Sra. D.

Que tão meigo, tão grato e tão solemne
É para os ternos corações e que amam
Em triste ausencia, após de longos mexes,
Pulsar, arfando em candida alegria
Sobre ontro coração em doce amplexo
Pelo qual palpitará, e só sentirá
Em dura ausencia o capinho da saudade!..

TEIXEIRA E SOUZA.

Ah dor! acre dor que exhaures,
As ultimas gottas da vida!
Sentimento tão agridoce,
Que soffre um alma desunida!..

Desunida de uma mulher,
Esse anjo de meu coração,
Nada acho prazer, nem sabor,
Nem lenitivo ou consolação.

Mulher! a quem tão inflamado
Eu jurei a seus pés puro amor!..
Mulher! a quem eu sempre amei,
Com ternura, pureza e doçôr!

Mulher! por quem eu desprezei
Festins, alegrias do mundo!
Porque eu embebido em seus olhos
Achava o prazer mais profunde!

Quando vestida de branco
Ella estava qual garça altiva;
Eu morria enlevado de amor,
Carpia uma dôr hem esquiva.

Ao vê-la passar junto a mim
Muitas vezes eu desfaleci;
Porque era d'anjo o seu corpo,
Como ainda tão bello não vil!

Nos seus olhos os meus encarar,
Nunca pude fitar com fervor;
Porque n'ella existe tal graça
Que excede á mais linda flor!

A cor de seus olhos tão pretos,
Tão grandes e tão fascinantes,
Me estorce a alma e duplica
As minhas paixões delirantes!..

Bellos docéis de minha alma
Eram elles puros e bellos;
Por elles a vida eu dava,
Soffria os mais acres flagellos!

Mas... infeliz! já não posso
Ver esse anjo tão bello,
Sumio, ausentou-se de mim...
O amor me deixando singello!

Ah dor! acre dor que exhaures
As ultimas gottas da vida!
Sentimento tão agridoce
Que soffre um alma desunida!

Iguassô, 30 de Março de 1858.

A. da S. Campos Fluminense.

— Por ter sabido incorrecta a seguinte
poesia, tornamos a repetil-a.

A um natalicio.

Quando a aurora docemente,
Deixando o salgado leiteo,
Ergueu-se hoje contente
Ufana do seu viver,
Ao céo delicada rosa,
Alçando a fronte mimosa,
Mandou sublimado be'jo;
Coráram ambas de pejo,
Ambas sentiram prazer.

Vieo pousar sobre a rosa
Lumineo raio d'aurora,
E a flôr contente, vaidosa,
Doce perfume exhalou:
O céo mostrou seus encantos,
A terra acordon seus cantos
Que geram n'alma a doçura,
E toda entregue á ventura,
Tambem Marilia acordon.

Tinha nos olhos formosos
A luz que no ar rutila,
Tinha nos labios mimosos
O mais divinal sorriso:
Era ella mesma uma estrella
Mais delicada, mais bella
Do que as estrellas do céo,
Pois occultava em seu véo
As graças do paraíso.

Ao vel-a ninguem pudéra,
Embalde a gentil figura,
Saber se ao mundo devera
Seu delicado existir:
Ao vel-a, qualquer julgára
Que para a terra baixara
Outra divina mulher,
Para na terra soffrer,
Para os humanos remir.

Ao vel-a meth estro ufano,
Em fogo ethereo aquecido,
Do fudo cruel e insano
Fez-me um instante esquecer:
A lyra tomei garboso,
E de seu dia faustoso
Busquei as graças contar,
E me senti transportar
As regiões do prazer.

De lá visei no futuro
A mais delicada mãe,
Colhendo o premio seguro
Que raras podem gozar:
Vi de seus filhos queridos
Os nomes enriquecidos
Pela virtude e valor,
E deslumbrou-me o fulgor.
Senti... mas não sei pintar.

Das mãos desprenda-se a lyra,
Morreu-me no labio o canto,
E a mente, que só delira,
Vio da verdade o sorrir:
Então minh'alma confusa
Sentio que a terrena Musa
Cantar não pôde este dia;
Porém gozou da magia
Que sóc Marilia expargir.

Albano Cordeiro.

Charada.

Se um - s - me juntares,
Redemptor em mim tercis;
Em idolo, idade, idalia, 2
Sempre e sempre me vercis. 1
Em nação, navio, nada,
Constante m'encontrareis. 1

CONCEITO.

Este todo reunido
Faz d'um cherabim o nome,
D'esse anjo que na terra
O meu socego consome.

Candido Lisboa.

A charada do n. antecedente é: — *Numero*